

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6240 - Pôster - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 05 - Educação e Infância

Sentido educacional da experiência de transição das crianças para o Ensino Fundamental

Márcia Vilma Murillo - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Este estudo compõe uma pesquisa em andamento que persegue caminhos narrativos para abordar uma questão que emerge nas discussões contemporâneas sobre Infância e Educação: a criança e seus começos no espaço de vida coletiva da escola. Antes de uma interrogação pontual, desde meu percurso como pedagoga com crianças do 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o interesse acadêmico gravita em torno da emergência de uma questão vital: a singularidade dos começos no mundo comum.

Os começos se apresentam temporalmente de diferentes formas, em diferentes espaços. Mas neste estudo, em especial, detenho-me na experiência docente diante dos começos das crianças pequenas na escola de Ensino Fundamental. O que há para pensar nesta chegada? É possível percebermos o que permanece de uma etapa da Educação Básica – Educação Infantil - para a outra etapa – Ensino Fundamental/Anos Iniciais – nos tempos e nos espaços dos fazeres pedagógicos neste período de transição? O que é exigido à docência que acompanha crianças nesta chegada? É a mesma docência dos Anos Iniciais? O que é estar com as crianças no tempo da passagem de uma etapa a outra? Como se constitui esta docência no 1º ano? Acompanhar a singularidade de cada criança começar-se na pluralidade do mundo constitui uma interrogação pedagógica?

Tais questões promovem abertura à interrogação pelo sentido educacional do gesto pedagógico de acompanhar os começos das crianças no Ensino Fundamental. A interrogação pelo sentido educacional da experiência de começar-se no mundo escolar permite tensionar o silêncio que envolve a atenção pedagógica aos movimentos das crianças em seus começos linguageiros no mundo. Movimentos sempre entrelaçados a outros movimentos, os quais geram narrativas, sentidos e marcas em suas trajetórias de vida. Dinâmicas que possibilitam visibilizar o tema pedagógico da transição entre as primeiras etapas da Educação Básica pela intencionalidade de trilhar e sistematizar caminhos investigativos em torno da questão filosófica de começar algo no mundo com gestos, palavras e ações.

Nessa intenção, o percurso metodológico é pautado pela aproximação entre filosofia e pedagogia para pensar um modo de *com-viver* na escola de Educação Básica. Não há aqui soluções a investigar, mas uma questão – a dos começos – a enfrentar e interrogar a partir da temática pedagógica da transição das crianças pequenas no 1º ano do Ensino Fundamental. O esforço de apresentar a inseparabilidade entre fazer e pensar, ou de fazer circular “teoria” e “prática” (CHARLOT, 1996), é realizado a partir do exercício filosófico de escrita e de reescrita que reordena leituras e permite explorar outros sentidos para o já pensado ou já conhecido. É nesse esforço de “colocar alguns textos junto a outros, ou frente a outros, ou

contra outros, que o pensar (em educação) surge como potente experiência, um exercício ou um ensaio (do pensamento)” (BÁRCENA, 2012, p. 38).

O interesse educacional por esse movimento está na possibilidade de interrogar o gesto pedagógico de educar crianças pequenas que chegam a esta outra etapa da educação básica a partir do encontro com a filosofia como experiência de pensamento que emerge na coexistência linguageira (MERLEAU-PONTY, 1991) com outros no mundo, ou seja, nesse expor-se ao mundo em comum.

Começar-se no mundo não é ação fácil ou passível de ser facilitada. A experiência de começar-se é uma das mais densas de sentido na convivência mundana pois implica ação e agir significa imprimir movimento a algo que, nas palavras de Hannah Arendt (2016, p. 220), “não é o início de uma coisa, mas de alguém que é ele próprio um iniciador”. A ação de iniciar algo no mundo, de ser um iniciador, exige linguagem porque exige a convivência pública.

É dos começos mundanos, ou seja, da pluralidade como “condição da ação humana porque somos todos iguais, isto é, humanos, de um modo tal que ninguém jamais é igual a qualquer outro que viveu, vive ou viverá” (ARENDR, 2016, p. 10), que pode emergir o que em nós permanece como “um excesso de complexidade, reservas ainda não atualizadas. Um estado *poiético* que tem que emergir em linguagem: poesia, pintura, dança, modelagem, escrita ... um momento de excesso – de amplificação do existir que tensiona o gesto formante e excita o estado afetivo, forçando o pensamento a agir (...)” (RICHTER, 2005, p. 266).

Começos mundanos que colocam a todos em experiência com seus próprios começos. Hannah Arendt (2016, p.219) diria que a ação de começar está inteiramente ligada à forma inicial grega da palavra “agir” - *archein*, constituindo um *initium*, pela ação humana estar ligada aos que recém chegaram ao mundo. Capacidade que especifica o humano, pois cada nascimento inaugura algo novo no mundo, algo que ainda não aconteceu.

Para Walter Benjamin (1994, p.205), “a narrativa é uma forma artesanal de comunicação. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”. O “narrador não “informa” a sua experiência, mas a *re*-arranja, a *re*-vive ao *re*-contá-la e, assim, oferece a oportunidade para que outro a escute e a transforme de acordo com a sua interpretação, levando essa experiência a uma maior amplitude pela ação de narrar. Portanto, cabe a este pesquisador observador de si mesmo colocar-se em percurso de pesquisa como uma espécie de “recolhedor” das experiências vivenciadas, mais a partir de seu desejo em compreender modos de aproximar-se à questão do que propriamente almejar analisá-la ou solucioná-la.

Reter o vivido no campo do Ensino Fundamental para pensar acerca do que vivencio cotidianamente com as crianças e os adultos, teorizar ao interrogar e repensar práticas pedagógicas, bem como problematizar concepções educativas, é o que move o estudo e a escrita aqui apresentados. Implica a intenção de enfrentar a temporalidade do vivido em espaços de tamanha densidade teórica e fecundidade de interrogações como parte de qualquer processo formativo, os quais estamos imbricados. Esta é a chance que temos de desencadear mudanças, transformações e ressignificações. Expor à singularidade da transformação de um – o meu – modo de viver e sentir atentamente aquilo que se relaciona com as minhas certezas e as minhas interrogações acerca da educação escolar, nesta chegada ao Ensino Fundamental.

Nessa pesquisa ainda em curso, considero relevante aproximar educação e filosofia para afirmar, com Walter Kohan (2012, p. 164), a possibilidade de experienciar o pensar na simultaneidade de pensar a experiência. Estar neste duplo movimento de considerar a filosofia como um modo de educar e a educação como exercício de um modo de *com*-viver, o

qual considero um privilégio, me coloca tanto diante da possibilidade de transitar em um “caminho autoformativo de aprender a pensar como ação *do* e *no* presente” (RICHTER, 2018, p.17-18) quanto diante da possibilidade de destacar a pedagogia como ação educativa na alteridade do encontro entre adultos e crianças. É fazer circular teoria e prática para marcar a potência da presença, de estar presente em ato educativo. Quando estou com as crianças não penso antes de fazer, eu faço. Eu vivo com elas. Não estou apenas educando crianças, eu estou *aqui* e *agora* com as crianças e por isso as educo.

A intenção então é propor uma experiência de pensamento a qual interfere diretamente na dinâmica do grupo de crianças e adultos envolvidos, assim como da escola e, por conseguinte, da educação como um todo, a partir da elaboração de uma narrativa, da escolha de autores e das possibilidades que emergirão ao longo do caminho da tese, neste encontro meu com o grupo de crianças. O que proponho é viver um processo formativo em ato como modo de estudar e ressignificar certezas, dúvidas e, talvez, caminhos pedagógicos que permitam estar à escuta para buscar a visibilidade de alguns obstáculos que as crianças mostram nesta chegada ao Ensino Fundamental.

Mas é também nesse espaço de encontro de humanos, de aprendizagens e de disputas, que a formação humana está em jogo. Pois é neste espaço/tempo que também corroboramos para a manutenção de tudo àquilo que impera na instituição escola. Justamente por isso a emergência em identificar quais são os obstáculos pedagógicos presentes na transição das crianças, já que se apresenta como “sedimentados pela vida cotidiana” (BACHELARD, 1996, p.18). Obstáculos enquanto tudo o que está posto, a lógica convencional, como o “normal”.

Para tanto, destaco como linhas norteadoras para desencadear a pesquisa na/com/sobre a escola, as crianças e seus começos com os adultos na escola de Ensino Fundamental as ações de escutar, pensar e sistematizar acerca de provocações neste cotidiano da escola, como possibilidade de compreender modos de estar em linguagem e habitar o mundo nas interações entre adultos e crianças. Exige o esforço da atenção pedagógica para os modos como configuram estar sendo na escola, nesta nova etapa da vida escolar das crianças, junto de suas famílias e da intenção de registrar narrativas dos envolvidos nesta passagem, acerca das expectativas da chegada a nova etapa. A expectativa é situar possibilidades na ação pedagógica nesta troca de etapa para as crianças ao tensionar e problematizar conceitos de ação: passagem, acolhimento, linguagem, corpo e mundo. Para tanto, o questionamento que visa esse tensionamento da ação pedagógica interroga também docência e o sentido educacional de ser pedagogo em uma turma de primeiro ano.

Nesse percurso, **a produção de narrativas escritas** vem se apresentando como vetor fundante na escrita dessa pesquisa. Um modo de escrever e tecer relatos que permitam nos situar como ato de re-arranjar e re-contar nossa existência no mundo, como modo de aprendemos a nos narrar (BÁRCENA e MÈLICH, 2014). A ação necessita da narração, do relato. Narrar diz respeito ao modo como experimentamos o mundo, como nele reordenamos e configuramos nossas experiências para torná-las inteligíveis, para interpretar a coexistência. No ato de interpretar, projetamos e reconhecemos e, assim, podemos nos compreender e configurar modos de nos constituirmos com outros na convivência. Nesta experiência de pesquisa, pensar exige narrar o vivido como modo de refletir os acontecimentos vividos, de rearranjar e recontar para organizar o caos do gesto imprevisível, de reter a sensibilidade do corpo no mundo, de tornar formativa a experiência singular vivida no coletivo escolar.

Palavras-chave: experiência dos começos; criança; transição;

Referências

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 12. ed. revista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.
- BACHELARD, Gaston. A noção de obstáculo epistemológico - Plano da obra. In: **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 17-28.
- BÁRCENA, Fernando; MÈLICH, Joan-Carles. **La Educación como acontecimiento ético: Natalidad, narración y hospitalidad**. 2ª ed. (nueva edición revisada y aumentada). Buenos Aires, Argentina: Miño y Dávila Editores, 2014.
- BÁRCENA, Fernando. Una pedagogía de la presencia. Crítica filosófica de la impostura pedagógica. Teoría de la educación. **Revista interuniversitaria**, 24(2), 2012, pp. 25-57.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política (7a ed.). São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CHARLOT, Bernard. Criança no singular. Entrevista. **Presença Pedagógica**, v. 2, n. 10, p. 5-15, jul./ago., 1996.
- KOHAN, Walter. Palavras, passos e nomes para um projeto. In: KOHAN, Walter; OLARIETA; Beatriz Fabiana (orgs.). **A escola pública aposta no pensamento**. Belo Horizonte Autêntica, 2012.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- RICHTER, Sandra R. S. **A dimensão ficcional da arte na educação da infância**. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Tese de Doutorado.
- RICHTER, Sandra R.S. Prólogo. In: BERLE, Simone. **Infância como caminho de pesquisa: o Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI/PROPEd/UERJ) e a educação filosófica de professores e professoras**. Rio de Janeiro: NEFI, 2018, p. 15-19.